Resenha | Ursa menor: notas sobre ficção científica e fantasia (2018) de Marco Antonio Valentim

Por Willian Perpétuo Busch

Doutorando em História (UFPR), Mestre em História (UFPR) e Mestre em Antropologia (UFPR), Bacharel e Licenciado em Filosofia (UFPR)

Publicado originalmente em: http://scriptoriumm.com/2019/07/resenha-ursa-menor-notas-sobre-ficcao-cientifica-e-fantasia-2018-de-marco-antonio-valentim/

07/07/2019

VALENTIM, Marco Antonio. Ursa menor: notas sobre ficção científica e fantasia. **Cadernos Pet Filosofia**, n. 17, p. 9–35, 2018.

O periódico Cadernos PetFilosofia, vinculado ao Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Paraná, lançou em 2018 um número dedicado a Filosofia e Literatura. O artigo que abre o número foi autorado pelo Dr. Marco Antonio Valentim, intitulado Ursa menor: notas sobre ficção científica e fantasia.

O artigo de Valentim (2018) partiu de Juan José Saer para pensar na Ficcionalidade do Real, entendendo que este é um ato de "experimentar a divergência como índice de realidade". Um movimento argumentativo interessante, que permitiu ao autor mobilizar Ubik, de Philip K. Dick, e com isso construir uma configuração do real dupla que oscila entre a estabilidade e a insubstancialidade. O resultado é um hiperreal, conceito que toma por empréstimo da filósofa Déborah Danowski.

Valentim partiu para uma crítica aos trabalhos de Darko Suvin, acusando-o duma “assimetria interna que, dentre outras implicações, estabelece um distanciamento essencial da ficção científica frente ao gênero do fantástico”. O resultado disto era a validação dum racismo científico, bem como uma neutralização da literatura, pois, “longe de configurar equivocidade e pluralidade ontológicas, a ficção científica de Suvin é tão monorrealista (antropocêntrica) quanto potencialmente etnocida”.

Contra Suvin, o recurso literário de Valentim foi Ursula Kroeber Le Guin. Para o autor, Le Guin não pensava na Ficção Científica e na Fantasia como mutuamente excludentes, mas sim dentro daquela divergência do real que indicara no começo do artigo. Rocannon World, em vez de ser uma obra de Ficção Científica, também é Fantasia e, portanto, hiperreal.

Para Valentim, o que ocorreu com Rocannon durante a sua aventura foi um abandono da humanidade e um encontro com o mito. Transição esta vista como “o regresso da ficção científica à fantasia através de uma disjunção espectral (e não uma síntese transcendental) de mundo”.

Colocar a Fantasia em questão foi o próximo passo de Valentim, partindo para os trabalhos de J.R.R Tolkien. A manobra de Valentim foi transformar a especulação fantástica numa experiência xamânica, “na qual um “sujeito” se constitui pela captura de sua imagem por Outrem: especulação como sonho.”

O autor encerrou as suas modestas notas com algumas teses. A primeira afirma que o realismo é ficção antropocêntrica. A segunda postula que a fantasia permite uma

realidade ampliada pois desloca o humano do centro. A terceira aponta para a Ficção Científica como refém da redução do real e antropocêntrica. A quarta estabelece que a Filosofia e a Fantasia são opostos pois, se a primeira se foca no homem, a segunda se desprende dele. A quinta, e última, conclui que a Fantasia desnuda o homem, retirando-o do topo e expondo-o como “uma aberração desastrosa”.

Crítica

O aspecto positivo central no artigo de Valentim está no trato com as obras de Philip K. Dick e Ursula Kroeber Le Guin, na medida que estas são pensadas como espaços de pensamento e reflexão tão importantes quanto aquelas que são tidas como clássicas pela Filosofia.

Quando Valentim argumentou que Le Guin deve ser pensada dentro duma continuidade que considera, de forma simultânea, Ficção Científica e Fantasia, acabou por tocar em uma questão que já foi tematizada no periódico Science-Fiction Studies e que a própria autora comentou a respeito. Para Le Guin, um dos principais problemas nas análises que eram feitas sobre os seus trabalhos era que, na medida que se focaram apenas naquelas tratadas como ficção Científica, desconsideravam todas as outras e que tinham tanta importância quanto – tal como os livros de Earthsea. (LE GUIN, 1976)

Todavia, devemos salientar que há um problema na proposta de Valentim. O autor desconsiderou as relações históricas e sociais, tanto no âmbito que tange o contexto argumentativo de Suvin, como a proximidade pessoal deste com Le Guin.

A referência de Valentim foi o trabalho publicado por Suvin em 1979, Metamorphoses of Science Fiction: On the Poetics and History of a Literary Genre. Ora, o argumento de Suvin já havia sido formulado em outras ocasiões, tanto em artigos, quanto nos seus trabalhos no Science-Fiction Studies, entre 1973 e 1981. (SUVIN, 1972, 1979)

Em síntese, Valentim está certo ao afirmar que a Ficção Científica defendida por Suvin se propõe como diferente e oposta a Fantasia. Para Suvin, a Ficção Científica é uma literatura histórica que dialoga com as ciências duma determinada época. O processo de estranhamento cognitivo diz respeito a capacidade do texto em evidenciar as limitações epistêmicas e solapar a sua estabilidade, escancarando como as imbricações entre conhecimento, política e sociedade operam. O passo seguinte é a produção dum novum, isto é, uma forma literária que permite a discussão e a crítica disto. (SUVIN, 1979)

Tornar a Ficção Científica diferente da Fantasia é fundamental para Suvin pois, enquanto a primeira permite a crítica social, a segunda acaba por afirmar valores e arranjos de poder e dominação. É por conta disto que Suvin despreza Tolkien, uma vez que ali está todo um conjunto de representações que flerta com um ideal proto-fascista monárquico.

Le Guin, por sua vez, tinha uma grande estima por Tolkien, mas também era crítica ao Fantástico. Na década de 1970, outro escritor britânico que vinha fazendo amplo sucesso era Michael Moorcock. Para Le Guin, Moorcock e Robert Heinlein, eram dois exemplares duma literatura antagônica com que ela havia se proposto em fazer. A fantasia de Moorcock replicava um padrão de masculinidade absurdo dentro duma configuração vagamente europeia. Já a Ficção Científica de Heinlein estava assentada

num militarismo nocivo e machista, de modo que ambos operam transformando o herói num macho alfa conquistador.(LE GUIN, 1973, 1975)

Retornado a proposta de Valentim, não era a definição de Ficção Científica de Suvin que validava uma perspectiva antropocêntrica. O que estava em questão era toda uma tradição literária, que havia encontrado em Hugo Gernsback, mas principalmente em John W. Campbell, Jr., os seus grandes referenciais editoriais. Tanto Le Guin quanto Suvin questionavam tal tradição.

Outro problema no texto de Valentim apareceu nos seus postulados finais. Ao afirmar que o realismo é uma ficção antropocêntrica, o autor desconsidera todas as disputas que existem sobre o termo “realismo” dentro da história da literatura e as implicações disto. A desconsideração pela história tem outras implicações.

Valentim, ao postular que a Fantasia viabiliza o deslocamento do humano, não indica quais textos fazem isso, muito menos aponta para o seu contexto e proposta. Moorcock desloca o humano do centro? Se sim, a alternativa é pior ainda, pois flerta com um super-homem ariano, tal como denunciou Le Guin.

A Ficção Científica tem uma variação ampla demais para ser caracterizada como redutora do real. Argumentar que isto é feito nos trabalhos de Heinlein é uma possibilidade, outra completamente diferente seria identificar algo parecido em Samuel Delany ou Joanna Russ.

Certamente que a literatura que discutimos revela o aberrante no humano. Todavia, desconsiderar a relação do homem consigo mesmo e com outrem através do tempo, não passa duma nova roupagem para essa prática antropocêntrica.

Referências

LE GUIN, U. K. On Norman Spinrad's "The Iron Dream". Science-Fiction Studies, v. 1, n. 1, p. 41–44, 1973.

LE GUIN, U. K. American SF and the Other. Science Fiction Studies, v. 2, n. 3, p. 208–210, 1975.

LE GUIN, U. K. A Response to the Le Guin Issue (SFS #7). Science Fiction Studies, v. 3, n. 1, p. 43–46, 1976.

SUVIN, D. On the Poetics of the Science Fiction Genre. College English, v. 34, n. 3, p. 372–382, 1972.

SUVIN, D. Metamorphoses of Science Fiction: On the Poetics and History of a Literary Genre. New Haven & London: Yale University Press, 1979.

VALENTIM, M. A. Ursa menor: notas sobre ficção científica e fantasia. Cadernos Pet Filosofia, n. 17, p. 9–35, 2018.